

EDITORIAL

Em 2003 a Educação em Ciência parece ter recebido atenção especial. Revistas de divulgação científica, por exemplo, trouxeram reportagens de capa acerca da “alfabetização científica”. A questão de quanto o cidadão comum deve saber de ciências naturais parece se tornar um tema de interesse público. Interesse este despertado por resultados de avaliações comparativas no nível internacional em que o Brasil participa pela primeira vez. O desempenho de nosso país no PISA, por exemplo, indicaria que adolescentes brasileiros – de escolas públicas e particulares – seriam os mais “despreparados” para utilizar seus conhecimentos acerca de ciências no seu cotidiano.

Por um lado, devemos celebrar o fato da sociedade se debruçar sobre questões relacionadas à educação científica, buscando, inclusive, um diálogo com representantes da comunidade de pesquisa na área. Todavia, por outro lado, temos de refletir acerca das motivações para este interesse, a natureza das discussões que daí emergem e as possíveis implicações decorrentes. É notável que a preocupação com a educação em ciência resulte de resultados de avaliações internacionais, seguindo um padrão já observado em países como os Estados Unidos. Neste caso, os resultados do TIMSS apontaram os EUA como o país desenvolvido no qual jovens tinham o conhecimento mais limitado de ciências naturais. Não é difícil imaginar a repercussão destes resultados em um país orgulhoso de sua excelência tecnológica... Porém, o que merece destaque é que tais resultados por si só podem ser considerados retrato da educação em ciências em um país e chegam a se tornar a principal justificativa para a adoção de políticas públicas. A comunidade de pesquisa em educação científica deve estar ciente de seu papel de problematizar tais visões simplistas que podem “acometer” também nosso país, trazendo para a discussão outras dimensões de nosso objeto de estudo.

Neste contexto, periódicos como a *Ensaio* ganham novo significado. As publicações de nossa comunidade constituem um importante fórum para desafiar visões simplistas e limitantes, trazendo uma pluralidade de idéias e perspectivas que contribuem para uma percepção mais rica da educação em ciências – seu potencial, seus problemas, seus dilemas. Além disso, cabe enfatizar novamente que é na esfera destas publicações que se estabelece parte do diálogo com profissionais da educação do presente e do futuro – como professores do ensino básico e alunos de licenciatura – que contribuem para a concretização desta visão multifacetada do ensino-aprendizagem de ciências. Os artigos que compõem este volume são um exemplo da riqueza de questões que emergem de nossas investigações e reflexões neste campo. Agradecemos a todos os colaboradores e leitores desse volume.

Belo Horizonte, maio de 2004

As Editoras